

O HOMEM DAS SEXTAS-FEIRAS

- 1ª edição publicada no mês de janeiro/2017 –

Revisão abril de 2025

Autora: Renata Soltanovitch

Contato: soltan.vieira@terra.com.br

O homem das sextas-feiras

Dedico este livro a você, leitor, que consegue observar a vida com seus mistérios diários.

O PERSONAGEM

De cabelos grisalhos, alto e sempre com um terno bem cortado, Angelo parecia ser um homem muito triste para quem vivia uma vida bem confortável financeiramente.

Há décadas, não sabia o que era sorrir.

Ele escondia um mistério no qual todos que estavam acostumados com a sua presença, não imaginavam.

Alguns acreditavam que este sentimento era pelo fato de sua jovem e única filha ter cometido suicídio, porque ele resolvera se divorciar da mulher.

Mas não era só isso.

Claro que o suicídio de sua única filha lhe trazia um imenso grau de culpa, mas ela já passava dos 18 anos quando resolveu pular do 20º andar do luxuoso apartamento para onde ele acabara de se mudar.

Tratava-se de um apartamento de alto padrão, com confortáveis 04 suítes, um por andar, 05 vagas de garagem.

A área de lazer parecia um clube, com direito a uma íntima floresta, pomar, salão de festas e de jogos, churrasqueira, quadra de tênis e de futebol, cinema, e é claro, uma piscina olímpica.

Astuto, Angelo casou-se com Amanda em regime de separação total de bens, só porque ela estava grávida de Gabriela – a menina que se suicidou – o que acabou evitando problemas referentes à partilha de seus inúmeros bens e o comando de sua empresa, quando do divórcio judicial.

Já Angelo sempre mimou a filha, concedendo a ela tudo do bom e do melhor e, por isso, não entendeu o motivo do seu suicídio, já que no exame cadavérico não foi encontrado nenhum tipo de indício de entorpecentes, remédios ou álcool que ensejasse tal atitude.

Mais ainda. Gabriela estava sozinha no apartamento naquele dia, pois, com o divórcio, Angelo resolveu se mudar para um apartamento maior, mais arejado, com maior luminosidade, para que sua querida filha viesse com ele, ao invés de ir morar com sua mãe.

E, de fato, Gabriela resolveu ir morar com o pai, que além de ser mais sereno, lhe proporcionava tudo que o dinheiro pudesse comprar e ela ainda não teria a mãe, Amanda, perturbando-lhe diariamente.

No entanto, sua mãe ficou furiosa com a decisão de Gabriela de ir morar com o pai, visto que, com isso, Amanda deixaria de receber uma pomposa pensão alimentícia, que antes do divórcio era traduzida em mesada para as despesas pessoais dela e da filha.

AS CONSEQUÊNCIAS ESPIRITUAIS DE UM SUICIDA

Para quem não acredita em espírito ou alma, com a morte se extingue a vida.

Para os céticos, fica apenas a questão jurídica do artigo 6º do Código Civil: “A existência da pessoa natural termina com a

morte, presume-se esta, quanto aos ausentes, nos casos em que a lei autoriza a abertura de sucessão definitiva”.

Além da questão legal, com a divisão de patrimônio, depois do enterro, simplesmente acabou.

Porém, para aqueles que acreditam na eternidade do espírito, o suicídio tem algumas implicações.

Alguns espíritos, mesmo tendo a consciência do que fizeram, acabam sentido, de alguma forma, o apodrecimento da carne, nos casos de enterro ou então a dor do fogo, no caso de cremação.

A dor que em vida passava ao espírito suicida, permanece, seja esta física, mental ou moral.

Assim, o suicídio não resolve o problema. Ao contrário, gera mais um que será carregado para a próxima encarnação.

No tormento anterior, Gabriela, que estava sofrendo de obsessão espiritual, sem saber disso, acabou sendo impulsionada a se jogar pela janela.

Ela nem sabia se tinha intenção para tanto ou coragem, como algum desinformado poderia ressaltar.

Foi um impulso.

De longe, ouviu os sinos da igreja tocarem avisando que a missa das seis horas começaria. Isto foi o estopim.

Angustiada, Gabriela abriu a janela de seu quarto, subiu no parapeito e no último badalar do sino, pulou.

Aparentemente sem motivo, mas em seu íntimo, sentia-se culpada pela relação de seus pais. Pelo empobrecimento de sua mãe. De ser o pivô de um relacionamento sem amor.

Entendeu Gabriela que seu propósito de unir seus pais, não foi cumprido. Desviou-se de seu compromisso existencial. Sentiu-se incompetente. Sua mãe lhe culpava pela sua míngua financeira.

No caso de Gabriela, filha de Angelo, a dor do impacto de quem se jogou do 20º andar continuará. Mesmo após a morte, seu espírito sentirá as dores de seus ossos quebrados e de seu crânio esfacelado.

Quando Gabriela se der conta do que fez, certamente acompanhará seu corpo apodrecer no caixão, seu espírito poderá ter acessos de loucura, já que irá perceber que não houve a morte de sua consciência, de seu EU. Apenas pôs fim ao seu corpo.

Gabriela estará no Vale dos Suicidas.

A MÃE DA FILHA MORTA

Amanda, mãe de Gabriela, nunca quis trabalhar, embora seu currículo fosse imenso, recheado de cursos profissionalizantes e ainda tivesse extraordinários dons culinários.

Porém, a boa vida de madame às custas do marido Angelo, era esplêndida e o trabalho nem um pouco importante.

No entanto, quando havia jantares importantes na casa de Angelo, Amanda era quem tudo comandava.

Escolhia o menu com a carta de vinhos.

Cada ingrediente era também escolhido de forma cuidadosa para combinar e aromatizar com os vinhos servidos.

Comprava tudo pessoalmente.

Sentia os cheiros, fazia as degustações.

Tudo ficava perfeito.

Mas Amanda não quis aproveitar este divino talento para trabalhar.

Com o divórcio e sua única filha, já com 18 anos, indo morar com o pai, viu-se obrigada a procurar emprego.

Mas, enquanto isto não acontecia, torturava psicologicamente Angelo através de Gabriela, culpando sua filha pelo seu estado financeiro.

Ligava várias vezes ao dia para Gabriela, reclamando. Quando percebia que sua filha não atendia as ligações, mandava mensagens de textos por celular. Aliás, muitas mensagens.

Torturava Gabriela com recados por meio de familiares e postava nas redes sociais seu desespero financeiro por culpa exclusiva da filha.

Após o suicídio de Gabriela e se sentindo culpada, Amanda simplesmente vendeu todas as roupas e joias que havia ganhado durante o casamento, colocou poucas peças íntimas em uma mochila, e foi viajar pelo mundo. Afinal, ainda tinha só 40 anos, pois engravidou cedo, acreditando que prenderia Angelo para sempre.

Porém, a viagem apenas era uma fuga, pois, por motivos inexplicáveis, ouvia a voz da sua filha, em prantos, pedindo ajuda para levantá-la do chão e recolher os miolos de seu cérebro que estavam espalhados no belo jardim do luxuoso edifício onde morava com seu pai.

A ROTINA

Apesar de ter perdido sua filha, o afastamento de Amanda foi um alívio enorme para Angelo, pois sua presença rondando sua vida e de Gabriela, causava-lhe muito incômodo e mal-estar.

Naquela altura da vida, Angelo trabalhava mais por hobby do que por necessidade financeira, já que com sua filha morta, não gostava da ideia de deixar sua fortuna para seus sobrinhos, pois não tinha muita afinidade com seu irmão. Só se cumprimentavam nas festas de família, infelizmente.

Por algum motivo que Angelo tentava entender e se tinha alguma relação com algo envolvendo sua infância, não sabia o motivo de seu irmão não lhe dar atenção.

Seu irmão também era um homem bem sucedido, Diretor de uma multinacional. Porém, ambos mal se falavam. Passavam meses sem conversar um com o outro.

Seu relacionamento era quase nulo. Quase porque somente quando sua mãe estava viva é que se falavam, pois ambos tinham que sustentá-la e então a conversa se resumia em valores, dinheiro. Nada mais.

Depois que a mãe morreu, somente em raras festas familiares que se encontravam, ou seja, nos aniversários respectivos de cada filho, quando eram convidados. Nada mais.

Não frequentavam a casa um do outro, não participavam da vida familiar. Era uma pena!

Sem afinidade familiar, Angelo se viu só, com a dor pela morte de sua filha, uma dor que não passava e aquela tristeza sem explicação que há anos era mantida em sua alma e que não amenizava, mas que agora se somava ao suicídio de Gabriela.

O fato é que Angelo ia levando a vida. Viagens, bons vinhos, ternos bem cortados, isso tudo já havia sido misturado na sua rotina e a tristeza permanecia incólume.

UMA SEXTA-FEIRA QUALQUER

Numa sexta-feira, Angelo precisou ir ao centro da cidade – São Paulo, diga-se de passagem – para uma reunião e, ao invés de ir com o seu carro blindado, decidiu pegar um táxi para depois do compromisso visitar alguns lugares que, há muito, não passava.

E foi ali, em frente à Igreja das Almas, próximo ao Largo da Liberdade, que Angelo foi abordado por uma senhorinha com um pouco menos de um metro e meio, negra, aparentando

quase oitenta anos, toda vestida de branco, lenço amarrado na cabeça e uma rosa vermelha nas mãos.

A senhorinha, dirigindo-lhe a palavra, com um sorriso meigo, o avisou que por conta do suicídio de sua filha, estava seu espírito precisando muito de sua ajuda.

Esclareceu a tal senhorinha o quanto era necessário que ele orasse por ela e procurasse saber o real motivo daquele ato, pois envolveria o perdão de muitos, incluindo um amor que ele ainda iria conhecer.

Embora Angelo fosse um homem cético e não acreditasse em nada que ele não conseguia comprovar a existência, ficou assustado, pois nunca havia visto a tal senhorinha e ela, do nada, falava sobre sua filha morta, vítima de suicídio, deixando-o intrigado.

Observando o caminhar lento da senhorinha, que em seguida entrou no velódromo da Igreja das Almas, notou que ela acendeu algumas velas e desapareceu logo em seguida, como se fosse fumaça, em plena luz do dia e sob o olhar curioso de Angelo.

Não tardou para Angelo ligar para Amanda e comentar sobre que viu e ouviu, embora não suportasse nem mesmo ouvir a voz da ex-mulher, mas ficou ressabiado, daí o porquê de ter decidido ligar.

Do outro lado da linha – ou do mundo, pois não se sabia onde Amanda estava e não tinha a menor vontade de saber – ela ficou muda, depois chorou, disse que não compreendia o que estava acontecendo e desligou o telefone, deixando Angelo mais desconfiado.

Ele não sabia, mas no lugar em que Amanda estava, do outro lado do mundo, um guru que ela havia procurado, sem ao menos saber da morte de sua filha, havia dito a mesma coisa, ou seja, que a morte dela ocorrera por questões do passado bem distante e que havia necessidade de muita oração e perdão para que ela se recuperasse no plano espiritual.

Enquanto Angelo ficou sem muito entender, ao descer a Rua dos Estudantes para adquirir algo na lojinha da região, foi acometido por uma vontade imensa de entrar na Capela dos Aflitos, que fica em um pequeno beco, fora do alcance dos olhares distraídos dos visitantes locais, do lado direito da Rua, um pouco antes de chegar à Rua da Glória.

A CAPELA DOS AFLITOS

Não bastou cinco minutos de visita à Capela para Angelo ouvir um barulho ensurdecador de atabaques e rezas.

Olhou em volta, mas nada viu. Pensou que havia algum rádio ligado, mas nada achou.

Começou a ouvir nitidamente algumas pessoas conversando, embora não entendesse nada do que era dito. Logo em seguida, um canto se ouviu e depois mais reza, muita ladainha, tudo muito confuso.

Assustado, Angelo decidiu sair dali e ainda na porta da Capela, aquela senhorinha novamente apareceu, como se impedisse a sua saída.

Sem que Angelo dissesse nada, ela olhou em seus olhos e afirmou que era um passado distante retornando e que isto tudo tinha relação com a morte de sua filha e que estava na hora de encarar a realidade e assumir as consequências de quem se foi e o que se fez no passado.

Disse a ele que na região em que estavam, havia um cemitério, onde escravos estavam enterrados. Sim, porque embora se dissesse que o cemitério de lá havia sido transferido para o cemitério da consolação, junto com as ossadas, certamente não se dariam o trabalho de remover tudo e, então, pavimentou-se a rua e construiu-se prédios, deixando, por ali, pedaços do passado.

No entanto, embora os corpos já tivessem virado pó e as ossadas encontradas se misturado ao asfalto, aqueles que teriam sido ali enterrados e que não conseguiram nem encontrar o caminho da luz ou até mesmo serem reencarnados, ainda perambulavam pela região, seja no corpo de mendigos e até mesmo usuários de drogas, ou como espíritos, dormindo no porão da 1ª Delegacia de Polícia, que fica na mesma região.

Alguns, porque gostavam na região, outros com dificuldade de sair da zona de conforto.

Muitos porque queriam se vingar de seus algozes. Outros, porque se aproveitavam da energia do local, dos turistas que ali trafegavam e das pessoas que frequentavam a capela.

No mais, explicou a senhorinha, a grande maioria dos mendigos e dos usuários que vagueavam pela região, teriam sido escravos que trabalhavam nas fazendas próximas dali e enterrados no cemitério, cuja rua ele estava pisando e, por isso, eles não conseguiam sair da região e nem aceitavam ajuda.

A reencarnação é uma forma de melhoria para o espírito, mas é o livre arbítrio que abastece esta vontade de retornar ao passado, muitas vezes para se vingar ou manter a rotina de vagar pelas ruas.

A senhorinha ainda explicou sobre aquele cemitério, a capela, o convento e o hospital que ficava na Rua da Glória, o pelourinho da Praça da Liberdade e os porões da 1ª Delegacia de Polícia. Contou também do Chaguinha e do Elias, o criminalista do passado.

E que a música, a reza e os atabaques que acabara de ouvir, eram o canto dos escravos, ao som de sua espiritualidade.

Que tudo era muito místico, mas real e que tudo tinha relação com o suicídio de sua filha e que a escolha era dele, de querer saber e aprender com tudo ou ficar se remoendo e se

culpando por algo que acreditava não ter feito para evitar o que aconteceu.

Quando ele estivesse preparado para saber, disse a senhorinha, que ele voltasse ali e ela certamente o encontraria para levá-lo ao terreiro que ficava próximo dali, para saber toda a verdade.

Angelo sorriu, agradeceu a gentileza, e resolveu sair dali o mais rápido possível, caminhando no sentido ao Tribunal de Justiça.

E foi naquela esquina, após se entreter, de forma distraída, com o tal Elias, o criminalista do passado, dito pela senhorinha, que esbarrou em uma bela moça loira, de nome Roberta, que apressadamente pretendia atravessar os segundos que faltavam sentido ao Fórum João Mendes, para protocolar um prazo que seu chefe, Dr. Pereira, havia se esquecido de fazer pela manhã.

O ENCONTRO

Roberta trabalhava com o Dr. Pereira há décadas. Era uma rábula. Conhecia tudo da área em que ele atuava, mas não

conseguia, por falta de condições financeiras, cursar a faculdade de direito.

O pouco que ali ganhava, servia para pagar um quarto com banheiro em uma pensão para estudantes – embora ela não cursasse faculdade – próximo dali, alimentar-se e ainda enviar mensalmente dinheiro para os seus pais, que moravam no interior do Maranhão, em uma casa de pau a pique.

Todos os serventuários da justiça conheciam Roberta, pois ela era extremamente simpática, bem humorada e com humildade, paciência e insistência, conseguia tudo o que queria. Até despachar com os juízes ela não tinha dificuldade.

Ela tinha hábito de assistir a diversas palestras pela internet, o que facilitava seu entendimento nas matérias de direito.

Roberta esbarrou em Angelo, mas foi a pasta com as petições que ela tinha em mãos que enganchou no elegante terno dele, fazendo com que ficassem presos por segundos, a ensejar uma conversa que mudaria a vida dele para sempre.

Após se desencaixarem e uma boa dose de risada, Angelo convidou Roberta para uma xícara de café, o que ela aceitou prontamente. No entanto, como havia petições para

protocolar, ela o levou para a interminável fila do protocolo do João Mendes, no fim de tarde de uma sexta-feira.

Para ele, aquilo tudo era novidade, decidiu acompanhá-la, já que tudo era estranho naquele dia, iniciando com o encontro da senhorinha e a figura do tal Elias, o criminalista do passado, e agora com Roberta.

Mas, quando tudo parecia ser apenas inusitado, já dentro do Fórum João Mendes, Angelo viu Ryntya, um grande amor de sua vida que só não decorreu em casamento, porque ela era uma prostituta de luxo no interior de São Paulo e certamente seu pai, um dos homens mais ricos da região, fazendeiro de família tradicional, jamais deixaria seu único filho casar-se com aquela mulher.

Ryntya continuava linda e Angelo, deixando Roberta na fila do protocolo, resolveu segui-la e então descobriu que ela trabalhava ali.

Ela reconheceu Angelo e, embora naquele momento fosse uma autoridade, sentiu vergonha do passado, disfarçou e deu de ombros, entrando no elevador dos magistrados.

Era muita informação no mesmo dia, mas Roberta, após degustar um saboroso café com Angelo, na Casa Matilde, ainda o convidou para participar de uma festa no terreiro que ela frequentava, próximo dali.

A FESTA NO TERREIRO

Sem entender direito o que era um terreiro, Angelo se deixou levar e novamente encontrou a tal senhorinha, que apenas para ele sorriu.

Ela, toda vestida de branco, sentada em um altar e todos que ali chegavam, aproximavam-se da senhorinha para pedir benção.

Roberta também o fez e levou Angelo, de modo que, quando foi apresentá-lo, Senhorinha afirmou que já estava à sua espera.

Os atabaques começaram a ser tocados, as palmas cadenciavam o ritmo daquele ambiente.

Roberta foi convocada para, com o sino em mãos, passar entre todos os presentes, com o objetivo de despertá-los para o momento.

A concentração era necessária naquela hora. Aliás, em tudo na vida temos que fazer concentrados, até mesmo ao fechar um portão, era o que dizia Senhorinha para todos que vinham lhe pedir conselhos.

Angelo se assustou quando um homem que estava de seu lado, todo vestido de branco, curvou-se, começou a rodopiar, bater no peito e começou a dar saltos mortais e sem muita explicação, parecia jogar capoeira sozinho.

Após menos de cinco minutos, parou ao lado de duas moças, como se nada tivesse acontecido.

Em seguida, Roberta e sua amiga de terreiro entraram em um círculo que estava desenhado no chão.

Roberta, após colocar a mão direita sobre a cabeça de sua amiga, fez com que ela entrasse em um transe, ajoelhasse, se aproximasse de Angelo e pedisse perdão por se matar.

Gabriela estava ali. Sentiu apenas o leve perfume caro de seu pai. Aproveitou a porta aberta do terreiro e entrou, mesmo sem permissão.

Em fração de segundos, a amiga de Roberta retornou a pisar no círculo e ficou ali, por minutos, rodopiando em seu próprio eixo.

Alguns outros participantes do terreiro que sabiam o significado de tudo aquilo e do perigo daquela situação, que era não prestar atenção ao fechar uma simples porta, postaram-se em outros pequenos círculos desenhados no chão, deram-se as mãos e, embora ainda o atabaque e as palmas de outros participantes continuassem, eles começaram uma ladainha sem fim.

Uma bela moça, de longos cabelos negros cacheados, corpo esbelto, começou a rodopiar o salão e a ladainha precisou cessar. Somente as palmas e um canto, bem baixinho, invadiram o som do terreiro.

Era Mainha. A fundadora do terreiro que, se viva estivesse, certamente teria 150 anos.

Fazia muito tempo que Mainha não vinha. Apenas transmitia seus recados pela Senhorinha.

Mas era um dia especial. Angelo estava presente.

Saldou a todos. Saldou àqueles sem fé.

Pedi seu cachimbo.

Os atabaques e as palmas silenciaram.

Postou-se na frente de Angelo e chorou copiosamente por quase 10 minutos. Pegou sua mão ainda sem dizer uma única palavra e o levou para frente do altar, diante dos olhos curiosos daqueles que frequentavam o terreiro há muitos anos e nunca tiveram a oportunidade de ver Mainha.

Sem nenhum comando, pai João, que era filho adotivo de Mainha, pegou o defumador com folhas de alecrim cultivadas na horta do terreiro e iniciou a limpeza do ambiente.

Os atabaques voltaram a repercutir o som. E pai João, entoando uma canção, gritou: “Oxalá meu pai”.

Com mais força, os atabaques vibravam e pai João afirmou: “Sem caridade, não há salvação”.

Todos os presentes se aproximaram do altar, formando-se uma fila sem que ninguém pedisse, todos atrás de Mainha e Angelo.

Senhorinha desceu do Altar. Beijou a mão de Mainha e abraçou Angelo, com tanta força, que este quase desmaiou, já que sem entender nada, mantinha suas pernas bambas somente com a força de seu pensamento.

Os participantes se agacharam e iniciaram o Pai Nosso e a Ave Maria, em seguida, cantaram.

Logo depois, aconteceram as danças, rezas, bênçãos e passes.

Angelo saiu de lá assustado e com o número de telefone da Roberta no bolso, com a promessa de que voltaria um dia para entender melhor todo aquele mistério. Afinal, ninguém ali o conhecia para saber da morte violenta de sua filha e por estar sendo tão esperado em um terreiro que nunca ouvira falar.

Angelo era um homem sem fé, apenas bom nos negócios, nada mais.

Não imaginava o que seus antepassados carregavam. O que a Fazenda que seu pai herdou e que os sustentou por muitos anos trouxe de sofrimento para famílias locais.

Que sua empresa de beneficiamento de café tem a ver com toda aquela situação envolvendo o terreiro.

O RETORNO PARA CASA

Ao chegar em casa, após longo caminho de reflexão de tudo que havia acontecido naquele dia, foi surpreendido em plena madrugada, com um Oficial da Polícia, intimando-o para prestar esclarecimentos sobre o suicídio de sua filha.

Angelo não imaginava, mas naquele momento estaria sendo indiciado por ter induzido o suicídio de sua filha, por ter sido um pai omissor e ausente naquele dia em que ela se jogou da janela do seu apartamento.

O COMPARECIMENTO NA DELEGACIA

Sem nada para esconder, cometeu um erro primário ao ir à Delegacia sozinho, para prestar esclarecimentos, marcado para o dia seguinte, em pleno sábado, logo cedo.

Constava no inquérito que todas as janelas do apartamento de Angelo estavam ausentes de grade ou mesmo tela de proteção, e que ele sabia da depressão profunda de sua filha, o que então facilitou a prática do suicídio.

Aliás, ficou sabendo pelo próprio escrivão que estas foram as palavras de Amanda, sua ex-mulher, na Delegacia de Polícia, ao prestar esclarecimentos logo após a morte de sua filha, em seguida à liberação de seu corpo no IML.

Angelo ainda precisou contratar Antonio, o homem que limpava cadáveres, para recuperar a face da sua filha para um velório de caixão aberto.

Angelo saiu da Delegacia transtornado, com ódio mortal de Amanda.

Foi então que decidiu ligar para a sua nova amiga, Roberta.

Imediatamente eles se encontraram e Roberta, que trabalhava com o Dr. Pereira há muitos anos, explicou a Angelo o quanto era absurdo ele ter sido intimado em plena madrugada de sexta-feira, para depor no dia seguinte, em pleno sábado e ainda sem a presença de um advogado.

AINDA NO SÁBADO

Roberta levou Angelo para o escritório do Dr. Pereira, que mesmo aos sábados gostava de trabalhar para iniciar a semana com a “mesa limpa”, como costumava a dizer.

Embora Angelo fosse muito rico e pudesse contratar o melhor advogado criminalista de São Paulo, gostou do atendimento do Dr. Pereira e sentiu confiança nas explicações que recebera.

Assim, assinou o contrato de honorários com o Dr. Pereira e foi embora, rumo ao ponto de táxi.

Antes de entrar no táxi, Angelo avistou a Catedral da Sé e decidiu entrar lá pela primeira vez.

Após assistir a parte final de uma missa, ao descer as escadarias, topou com um mendigo muito bem humorado, de chinelos e calça branca. Além disso, mesmo sem camisa, estava com uma gravata borboleta, na cor preta e branca e, por incrível que parecesse, estava limpo e cheirando a sabonete.

Ao olhar Angelo, elogiou sua elegância, afirmando que ele havia saído da capa de uma destas revistas chiques da moda e que a tristeza interna dele poderia ser resolvida com uma canção.

Pela primeira vez, desde a morte de sua filha, Angelo riu com espontaneidade, sem rótulos e sem devaneios.

Sua gargalhada irradiou até as pessoas que, com ele, saíam da missa, e em um gesto gentil, o mendigo curvou-se para Angelo como forma de agradecimento, recusando o dinheiro que estava sendo oferecido, sob a afirmação de que sua alma acabara de ser alimentada e simplesmente desapareceu em meio à multidão da Praça da Sé.

Angelo, que há muitos anos não se locomovia de transporte público no Brasil – este hábito é comum na Europa, ainda que

por pessoas ricas – se aventurou e retornou para sua residência de metrô.

Educado, Angelo preferiu não sentar-se nos poucos bancos vagos do vagão do metrô, visto que havia idosos, e ele certamente deveria dar preferência para que estes se acomodassem.

Justamente por estar em pé, com a visão total do vagão, que Angelo acreditou ter visto o mesmo mendigo que lhe cantou a canção. Porém, desta vez, bem vestido e arrumado, como se tivesse saído de uma alfaiataria.

Aquilo tudo pareceu tão estranho para Angelo que, ao decidir se aproximar do tal mendigo, logo as portas do metrô se abriram e então, após uma troca de olhares, o mendigo acenou e desceu do vagão, com um sorriso no rosto.

Sem entender nada, Angelo retornou para seu belo e luxuoso apartamento e passou o final da semana pensando em tudo o que aconteceu.

INICIANDO A SEMANA

Não eram nem cinco horas da manhã e Angelo já estava pronto para trabalhar. Teria às nove horas uma reunião importante e queria se preparar espiritualmente para ela. Estava prestes a fechar um importante negócio para sua empresa, que lhe deixaria milhões de reais mais rico.

Desceu na garagem e escolheu o seu melhor carro blindado.

No caminho, resolveu tomar um café expresso na padaria em que os atendentes são bem humorados e mesmo sabendo que é rico, tratavam-no da mesma forma que os demais clientes, e ele gostava disso.

Porém, na saída da padaria, foi abordado por um mendigo, que lhe pediu um café com leite. Sem pensar em responder, tirou de seu bolso alguns trocados para dar ao mendigo que recusou, dizendo apenas que queria ser servido com uma xícara de café com leite e não por dinheiro.

Angelo, meio que no automático, retornou à padaria, fazendo a vontade do mendigo e depois de receber um agradecimento, ainda ouviu:

– Dr., me explica para que tanto dinheiro se não consegue nem mesmo compartilhar sua vida com uma pessoa de verdade.

E foi com esta frase que Angelo seguiu para a sua empresa, perguntando-se para que tudo aquilo.

Realmente, depois que sua filha morreu, aliás, se matou, Angelo não mais teria herdeiro necessário e sua fortuna, no momento, o sustentaria pelo resto da vida, sem que precisasse trabalhar.

Ficar sem trabalhar não era a pretensão de Angelo, pois era bom se sentir útil, mas não precisava deixar de lado sua vida pessoal. Já estava no momento de equilibrar estas duas vidas.

Era só Angelo chegar à empresa que todos os olhares se viravam para ele e os funcionários se curvavam para cumprimentá-lo.

Lembrou imediatamente das palavras do mendigo e novamente se questionou sobre tudo aquilo.

Na reunião, anunciou de forma repentina a sua saída da empresa. O burburinho foi geral.

Alguns sorriam de forma maliciosa e outros se indignavam.

Angelo foi observando tudo calado.

Solicitou ao Departamento Jurídico da empresa que preparasse o necessário para a assinatura, pois a partir daquele momento, as suas cotas de sócio majoritário e administrador da empresa estariam à venda para quem quisesse comprar.

O valor e os detalhes das vendas seriam indicados no dia seguinte. Era só uma questão de ajustar valores.

Ainda no meio do burburinho, não aguentando mais tanto barulho e uma falsa indignação por nada, levantou-se e saiu.

Em meio a uma mistura de euforia e alívio, com sentimento de liberdade, Angelo pegou o carro e seguiu rumo à Avenida Castelo Branco.

Só queria sair da cidade. Parar em um lugar mais tranquilo.
Tomar um café.

Mas era na Rodovia, cuja atenção deveria ser redobrada, que o veículo de Angelo foi abalroado por um caminhão jamanta que seguia em alta velocidade, carregado de sacas de café de sua própria empresa.

O desastre foi geral, causando também a morte de quatro zen-budistas que estavam indo para um retiro espiritual.

E o veículo blindado de Angelo ficou irreconhecível. Só depois de algumas horas, quando se viu cuidado por Antonio, o homem que limpava cadáveres, é que se deu conta de sua morte, pois foi ele quem havia o contratado para cuidar do corpo já morto de sua filha, logo após o suicídio.

Foi então que Mainha percebeu que ele estava pronto e pegou novamente nas mãos de seu único neto que foi retirado dos braços de sua única filha logo após o nascimento, para viver como empresário e único detentor do beneficiamento de café, prejudicando, inclusive, o seu irmão, filho do primeiro casamento de sua mãe. Aquele irmão que nunca falava.

Com isso, foi desta forma que o empresário Angelo aprendeu a importância do viver o Agora.

FIM